

Escavidão e tráfico de africanos através dos registros de batismo: notas de pesquisa (1780-1850)

Sthefany Lavinia Mello Costa¹, Marcelo Santos Matheus^{1*}

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus*
Canoas. Canoas, RS.

*Orientador(a)

O objetivo da presente comunicação é analisar quantos escravos africanos foram levados às pias batismais nas diferentes capelas do Rio Grande do Sul, verificando a representatividade de tal fonte para a análise do tráfico para o sul do Brasil. O recorte temporal inicia em 1780, quando a economia sulina começava a se integrar à economia colonial de maneira mais orgânica, terminando em 1850, quando o tráfico atlântico de seres humanos foi definitivamente proibido. Para tanto, as fontes exploradas são os registros de batismo das capelas das regiões Porto-charqueadora (Rio Grande, Pelotas, São José do Norte, Estreito e Povo Novo e Taim) e Campanha (Alegrete, Bagé, São Gabriel, Uruguaiana e São Gabriel). Do ponto de vista metodológico, as informações contidas nos batismos foram transcritas e armazenadas em um banco de dados construído a partir de uma tabela do Excel for Windows. Estas informações foram divididas em diferentes categorias analíticas: nome do batizando, se africano ou nascido no Brasil, nação e/ou o grupo de procedência (no caso dos africanos), etc. Até o presente momento já foram fichados mais de 14 mil registros de batismos, sendo que cerca de 18% do total são batismos de africanos. Dentre estes, a maior parte são de escravizados da África Central (Congo, Benguela, Cabinda, Angola, etc.), ou seja, do tronco linguístico bantu, embora a representatividade dos africanos ocidentais (em especial os Mina) seja significativa também. Nesse sentido, a partir destes resultados, será possível conhecer de maneira mais refinada o passado dos africanos escravizados que foram comercializados para o Rio Grande do Sul, identificando de qual região do continente africano e de que cultura/sociedade os mesmos vieram. Assim, será possível entender as formas de resistência, as relações sociais produzidas, dentre outros aspectos da vida dos africanos no sul do Brasil, bem como questionar a construção da memória construída sobre a formação social e econômica do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Escavidão; Tráfico de africanos; Registros de batismo.